

PROCESSOS DE APRENDIZAGEM INFORMAL DA IDENTIDADE LIBANESA EM FOZ DO IGUAÇU

INFORMAL LEARNING PROCESSES OF LEBANESE IDENTITY IN FOZ DO IGUAÇU (IGUASSU) – BRAZIL

Poliana Fabíula Cardozo¹

Endereço Profissional: Departamento de Turismo da Unicentro. Rua Professora Maria Roza Zanon de Almeida Engenheiro - Gutierrez

Cep. 84505-677

Irati-PR, Brasil

E-mail: poliana@unicentro.br

Resumo: A identidade libanesa pensada pelo processo de ensinar e aprender informalmente é o objetivo deste texto com foco no processo informal de educação na constituição do ser libanês fora do Líbano. O objetivo foi alcançado com a análise de 32 entrevistas realizadas com libaneses à luz de autores que tratam da identidade migrante e educação informal. Os resultados refletem o cotidiano vivido ligado ao país de origem, gerando identidades plurais.

Abstract: The Lebanese identity thought by the process of teaching and learning informally is the north of this text focusing on the informal process of education in the constitution of the being Lebanese outside Lebanon. The objective was achieved with the analysis of 32 interviews conducted with Lebanese in the light of authors dealing with migrant identity and informal education. The results reflect the daily life connected to the country of origin, generating plural identities.

Palavras-chave: educação informal; identidade libanesa; identidade migrante.

Keywords: informal education; Lebanese identity; migrant identity.

¹ Doutora em geografia humana (UFPR), mestre (UCS) e bacharel em turismo (Unioeste). Docente e pesquisadora do curso de graduação em turismo e programa de pós graduação em educação da Unicentro.

Introdução

Os processos e práticas educativas podem se dar basicamente de três formas: formal, não formal e informal. Embora iremos ao longo desta introdução explicar rapidamente cada um deles, cabe dizer de antemão que esse artigo se interessa pelo processo informal. A educação formal está caracterizada pelas normatizações oficiais de educação e ocorre no ambiente escolar, a não formal trata-se de processos de compartilhamento de experiências sobretudo em espaços coletivos cotidianos, e ao seu turno a educação informal incorpora valores, sentimentos herdados e de pertencimento compondo as narrativas pessoais e coletivas². A diferença principal entre a educação formal e a informal é que a primeira se dedica a processos escolhidos de forma voluntária pela pessoa e é marcada pela intencionalidade do processo de aprendizagem, a segunda está enfiada no seu cotidiano a partir de seus grupos intra e extra familiares, ocorrendo sem a intenção de impor necessariamente um processo de aprendizagem.

Este artigo tem o objetivo de apresentar como se dão os processos de aprendizagem informal da identidade cultural libanesa junto a essa comunidade na cidade de Foz do Iguaçu, Paraná. Essa forma espontânea de ensinar e aprender exercida por diversas gerações imigradas para as nascidas em Foz do Iguaçu que faz com que a cultura libanesa seja ali tão presente (alguns exemplos desta representatividade podem ser percebidos aos externos à comunidade como: uso da língua, gastronomia, religiosidade, música e dança tradicionais, arquitetura, formas de organizar o comércio entre outras). Lugares como clubes, restaurantes, mesquitas, dentro das próprias casas e em outros lugares da intimidade da comunidade que são palco para esses processos, são a um lado estimuladores da coletividade libanesa e de outros geradores de aprendizagem do que é ser libanês em Foz do Iguaçu.

A educação informal “socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos e formas de pensar e se expressar”³, é o processo de socialização dos indivíduos. Analisar a identidade cultural imigrante por este viés faz todo sentido, quando se admitem identidades múltiplas, hífenizadas e até mesmo exacerbadas pelo processo migratório e de entrelugares. Não se nasce sendo brasileiro-libanês, se aprende. Essa aprendizagem é processo da educação informal no seio das famílias, grupos de parentela, amigos e relações com ‘outros hífen libaneses’ com que se trave contato estreito.

² GOHN, Maria. *Educador não formal e o educador social*. Cortez: São Paulo, 2010.

³ Idem p. 18

A identidade cultural se forma principalmente em elementos diferenciados. Assim, três componentes são destacados que concorrem para a formação das identidades culturais, a saber: a vontade de se conformar aos usos de um grupo; a ideia de uma origem comum; e a construção da pessoa baseada na articulação assumida de todos os aspectos da vida ao redor dos valores centrais da cultura⁴. Embora o autor fale em vontade, cabe dizer que esta não é saciada de forma intencional, ela é sanada por meio de processos espontâneos que fazem com que o sujeito se sinta a vontade dentro de um grupo, sinta-se parte a partir da ideia de origem comum e dos valores compartilhados pelo coletivo. Toda a articulação da identidade está atada a um processo de ensino e aprendizagem, de conhecer e reconhecer, de dentro para fora. Esse processo, plural por excelência, ocorre em diferentes sentidos considerando os indivíduos dentro da comunidade e a comunidade propriamente com outras. Em relação a identidade, não se é sem ser reconhecido por isso.

Em complemento Cuche⁵ explica que “a identidade cultural aparece como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles, baseada na diferença cultural”, e a diferença sempre relacionada com a visibilidade: só se percebe o diferente quando este está à mostra. A identidade, assim sendo é percebida no contexto de diferença entre grupos sociais distintos entre si. Nesse processo, a identidade seria construída e reconstruída a todo o momento reunindo o construto e a construção: objeto e processo. Isso quer dizer que se faz relevante observar, em estudos como esse que aqui se apresenta, o que é distintivo segundo o próprio grupo, e não de acordo com o pesquisador ou outro observador.

Amealhando o tema, Bruno⁶ explica ainda que os espaços educativos na educação informal estão fortemente relacionados por referências de localidade, nacionalidade, gênero, religião, etnia e outros marcadores que coincidem com marcadores identitários. Não há na educação informal uma sistematização, os processos se dão de formas espontâneas, múltiplas e constantes. Se ensina ao lado do fogão, nas preces diárias, nos hábitos de higiene e alimentação, nas festas e na arte, nas crenças e valores compartilhados entre outros. Como conclui Biersdorf⁷ “A educação faz parte da vida de cada ser humano. Ao nascer, a pessoa é

⁴ CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. 3ª. ed. UFSC: Florianópolis, 2007.

⁵ CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2002.

⁶ BRUNO, Ana. *Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos dos hibridismos a outros contributos*. Mediações. Setúbal: vol 2 número 2, 2014.

⁷ BIERSDORF, Rosane K. O papel da educação formal e informal: educação na escola e na sociedade. *Itinerarius Reflectionis*. UFG. Vol 1, 2011. P. 02

inserida em um grupo social onde existe uma cultura e esta cultura também norteará os rumos que a educação das pessoas deste grupo social deverão [sic] seguir”.

Os dados que aqui se apresentam são fruto de minha pesquisa de doutorado (Geografia/UFPR) defendida em 2012 que tratava justamente da libanesidade em Foz do Iguaçu. Se à primeira vista podem soar desatualizados, cabe dizer que da mesma forma que esses processos de aprendizagem não se construíram de um dia para outro, eles também permanecem perenes por muito tempo. Por essa razão me sinto confortável em usar esses dados com o pertinente recorte da educação informal. Estes que aqui se apresentarão são profundos e merecem essa reflexão pois são fruto de um ciclo extenso de entrevistas, ou seja, são dados que exprimem em primeira pessoa como os processos identitários foram acionados.

Hall⁸ fala longamente sobre a identidade cultural híbrida/hifeinizada formada nas comunidades de imigrantes, baseada na necessidade de adaptar-se à nova terra e como uma maneira de não olvidar a terra natal, aquilo que se conhece desde sempre. E nesse movimento, está a educação dos mais jovens. Nascidos no novo país eles têm a necessidade de saber como ser nacional e saber como serem aceitos nas origens dos pais. São fruto de hibridismo, aprenderam a se portar em ambos contextos para não serem estrangeiros em nenhum deles. Souberam como se dão processos de educação informal para estarem sempre aqui e lá nessa fronteira identitária e cultural. O caso em tela, dos imigrantes libaneses e a educação informal merece um destaque, a comunidade dos dois lados da fronteira transnacional (Foz do Iguaçu e Cidade do Leste no Paraguai) dispõe de escolas árabes de ensino regular – educação formal – e cursos livres de língua árabe – educação não formal. Mas esse artigo vai debruçar-se exclusivamente aos processos de aprendizagem não sistematizados, os informais.

Este estudo pressupõe a preocupação com os caminhos percorridos pela comunidade libanesa no esforço de viver no Brasil, preservando de um lado a memória localizada em terras distantes e a contundente necessidade de não abandonar os elementos culturais originais, e de outro lado a evolução de uma capacidade cultural de se adaptar ao ambiente cultural novo. Esta tensão constitui numa verdadeira luta pela vida, entendida no sentido da formação da identidade em meio a diferenças.

De maneira a explicar o percurso metodológico de coleta dos dados, cabe dizer que ele foi fundamentalmente baseado em entrevistas com imigrantes e descendentes de

⁸ HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. de Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

libaneses moradores de Foz do Iguaçu. As pessoas entrevistadas foram primeiramente as lideranças já conhecidas da pesquisadora, a partir daí uma pessoa indicou a outra e assim sucessivamente. Houve preocupação diversificar as características dos entrevistados, por gênero, faixa etária, geração imigrada ou nascida no Brasil, religião e até mesmo ocupação. O roteiro das entrevistas (semiestruturada e diferente entre imigrantes e descendentes) foi organizado visando abordar questões a respeito das redes de contato e vivência da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu, no qual se investigou a interação do entrevistado com outros membros da comunidade e a constituição da identidade libanesa, *libanesidade*, além da transmissão e a recepção da identidade libanesa. Para tal, questões como costumes, valores, língua e religião são exploradas. Cabe ainda mencionar que os roteiros eram organizados de modo que as perguntas estavam elencadas por blocos temáticos, o que facilitou sobremaneira as análises de dados do tipo temáticas e nas categorias *codebook* e *reflexive*⁹ posterior dos dados

Foram entrevistadas 32 pessoas ao longo do ano de 2011, que são identificados por nomes fictícios neste trabalho a pedido deles mesmos, entre homens, mulheres, imigrantes, descendentes, adolescentes, adultos, terceira idade, muçulmanos xiitas, sunitas e cristãos. As respostas, de maneira geral, surpreendem pela espontaneidade dos entrevistados, e uniformidade delas entre eles, o que fez que com a aplicação de mais entrevistas fosse desnecessária, aplicando-se aqui o critério da repetição para cessar a coleta.

Para contextualizar de maneira introdutória o estudo, parece oportuno tratar sobre a cidade de Foz do Iguaçu e da comunidade libanesa ali organizada, é o primeiro item do trabalho, seguido pelo item que trata das análises das entrevistas propriamente e o processo de aprendizagem da identidade.

Foz do Iguaçu no Contexto Migratório Libanês

Foz do Iguaçu é uma cidade fronteiriça entre Brasil, Paraguai e Argentina, no extremo Oeste do estado do Paraná, 637 km distante de da capital paranaense, Curitiba. Fica entre a Floresta Nacional de Iguaçu e o Lago de Itaipu numa região de clima de transição do subtropical para o tropical. A cidade teve a população estimada para 2019 em 258.532 habitantes, segundo IBGE¹⁰ que apresentam grande diversidade cultural: mais do que 80

⁹ Braun, V., Clarke, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. 2006.

¹⁰ BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/panorama>. Acesso jun de 2020

nacionalidades de imigrantes moram lá, entre eles grandes contingentes do Líbano, da China, do Paraguai e da Argentina¹¹.

Apesar de Foz do Iguaçu ter uma história urbana, Roseira¹² aponta que seu acelerado crescimento populacional aconteceu em função da construção da Usina de Itaipu (nos anos de 1970), asseverando que inclusive as correntes migratórias para lá orientadas foram ocasionadas pelas oportunidades criadas pela tal construção. Machado e Silva¹³, entretanto, procura as principais razões da migração à cidade na sua localização fronteiriça, mencionando que grande número dos imigrantes vinha em função do comércio. Isto vale principalmente para os migrantes de origem árabe (libaneses, palestinos, sírios, jordanianos), bem como asiáticos (chineses, coreanos e, em número bem menor, indianos), além de portugueses. A autora menciona ainda que a cidade fora principalmente escolhida para morar, muito embora as oportunidades de trabalho (comércio) se encontrassem mais na vizinha Cidade do Leste. Apesar de esta percepção da autora ser compactuada por muitas pessoas na cidade de Foz, eventualmente um olhar mais apurado poderia revelar dados distintos: os descendentes de imigrantes já ocupam outros postos na cadeia econômica da fronteira, muitas vezes abandonando o comércio na vizinha Cidade do Leste e se instalando em diversas profissões em Foz do Iguaçu mesmo.

A condição multicultural remodelou a paisagem urbana de Foz do Iguaçu e, assim, o seu cotidiano é marcado visivelmente pelo multiculturalismo: “além dos espaços sociais dos grupos da comunidade árabe, há, na cidade, um templo budista, igrejas evangélicas e católicas, clubes específicos e associações atuantes – dos portugueses, dos japoneses, dos coreanos, dos italianos e outras menores, como a associação franco-brasileira” (MACHADO E SILVA¹⁴). Com base nesta experiência visual, Montenegro e Béliveau¹⁵ compreendem Foz do Iguaçu a partir do imaginário do diverso. Assim, seus próprios habitantes a consideram uma cidade aberta ao outro, hospitaleira aos imigrantes e turistas. Os iguaçuenses e o próprio poder público, segundo as autoras, creem que a diversidade seria um valor e uma riqueza local.

¹¹ FOZ DO IGUAÇU. Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. Disponível em: <http://www.fozdoiguacu.pr.gov.br>. Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

¹² ROSEIRA, Antonio Marcos. *Foz do Iguaçu: cidade rede sul americana*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo: 2006.

¹³ MACHADO E SILVA, Regina Coeli. *Reordenação de identidades de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu*. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 47(2): 357-373, Jul./Dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v47n2/a06v47n2.pdf>.

¹⁴ Idem, p. 368

¹⁵ MONTENEGRO, Silvia; BÉLIVEAU, Verónica Gimenez. *La triple frontera: globalización y construcción del espacio*. Miño y Dávila srl: Buenos Aires, 2006.

Arruda¹⁶ explica que “quanto maior for o contato com grupos que possuam hábitos, religião, percepções diferentes das suas, maior a tendência dos diferentes segmentos se reafirmarem como um grupo de pessoas que tenham características semelhantes.” E com isso, pode-se imaginar que esses grupos vão se arranjando a promover, de certa forma, relações entre os semelhantes, entre o que se chama de ‘nós’ e não com o ‘outro’. A autora ainda comenta que além das questões particulares dos imigrantes na região da tríplice fronteira devem se considerar os moradores dos países vizinhos transitando por lá e os turistas, marcando ainda mais esta relação. Ou seja, há movimento incessante de estrangeiros na cidade de Foz, pessoas que autores dedicados aos estudos das identidades culturais (como Hall ou Bhabha) denominariam como ‘outros’ em oposição ao ‘nós’.

A cidade conta com uma atividade comercial e de serviços que oscila muito ao passo dos governos presidenciais e estaduais, pois desenvolveu uma relação de dependência primária e secundária com o comércio em Cidade do Leste, para a qual se montou uma rede de atividades específicas para compristas, tais como hotéis, transporte, restaurantes, laranjas¹⁷, casas de câmbio e outras. Este comércio tem clara dependência com a cotação do dólar frente ao real, posto que as mercadorias são comercializadas em dólares e com o nível de repressão imposto pelo governo federal por meio da Receita Federal do Brasil e da Polícia Federal às pessoas e mercadorias que entram no país. Outra dependência econômica que a cidade tem é no setor de serviços, seccionada em dois setores específicos, e que se cruzam o do turismo receptivo e o dos compristas. E agora, nos tempos que correm em 2020 deve-se dizer também que os fluxos e os fixos na fronteira estão marcados pelas impossibilidades impostas pelo isolamento social frente à pandemia de COVID19. Os vizinhos fecharam as fronteiras com o Brasil por tempo indeterminado, e a atividade turística está estagnada.

A partir de 1994 com a estabilização da economia no país e a força cambial do real frente ao dólar¹⁸, o comércio em Cidade do Leste passou por um grande crescimento, fervilhando de compristas de todas as partes do Brasil e de comerciantes vindos, sobretudo do Líbano e Taiwan. As estimativas da comunidade árabe no período eram de que entre Foz do Iguaçu e Cidade do Leste haveria em torno de 35 mil árabes (entre imigrantes e descendentes).

Em 1997-1998 o governo federal do Brasil decidiu aplicar maior rigidez sobre os estrangeiros residentes no país para posteriormente anistiá-los; este fora um momento em

¹⁶ ARRUDA, Aline Maria Thomé. Diferenciação e estereotipificação: libaneses na fronteira Brasil-Paraguai. *Univ. Rel. Int.*, Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 43-65, jan./dez. 2007. P. 44

¹⁷ Se diz ‘laranja’ para a pessoa que passa mercadoria para outra pela Ponte da Amizade.

¹⁸ Cabe recordar que no início do Plano Real, a moeda brasileira valia mais do que a americana.

que muitos libaneses moradores de Foz do Iguaçu foram viver em Cidade do Leste ou arriscaram a trazer suas famílias do Líbano para viver na cidade. Houve certa comoção, pois a fiscalização de pessoas na fronteira entre o Brasil e o Paraguai foi intensa como nunca antes vista, até mesmo dentro da cidade de Foz a fiscalização era notada.

Com as altas do dólar frente ao real nos anos seguintes, os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos (e a fobia contra árabes e muçulmanos no mundo todo), a saída de Israel de quase todo o Sul do Líbano, a repressão à entrada de mercadorias advindas do Paraguai para o Brasil e a forte crise na Argentina (2002, conhecida como *El Corralito*) e outros fatores sociais, o grupo libanês de Foz do Iguaçu sem dúvida encolheu em termos quantitativos, mas continua qualitativamente, visivelmente forte. A comunidade estima que o número de árabes, entre descendentes e imigrantes, não ultrapasse os 15 mil quase todos morando em Foz do Iguaçu mesmo. Precisar o número exato de imigrantes libaneses radicados em Foz do Iguaçu é muito difícil. A polícia federal tem algumas estimativas imprecisas: apenas pode-se aferir a entrada de imigrantes/turistas por Foz do Iguaçu, quando muitos entram por São Paulo, Rio de Janeiro, Chuí e etc.; muitos que entram como turistas acabam com o tempo obtendo nacionalidade brasileira; outros tantos, de Foz do Iguaçu seguiram rumo a outras cidades do Paraná ou mesmo São Paulo. Há ainda a dificuldade de precisar os descendentes, pois sendo brasileiros natos a polícia federal não os trata com diferença de outros brasileiros. Mas neste artigo, os dados numéricos importam menos.

As fases e a organização da imigração libanesa para Foz do Iguaçu

Com base na pesquisa já mencionada aqui, iremos sistematizar o fluxo de libaneses para o Brasil, especialmente a Foz do Iguaçu. Essa sistematização será seccionada por fases.

A primeira fase da imigração para Foz do Iguaçu do Líbano se instalou pouco depois da independência do país, baseado no seu Pacto Nacional de 1943. Ela perdurou até o início da Guerra Civil Libanesa (1975). Gattaz¹⁹ explica que em termos econômicos, o período de 1950 e 1960, o país destacou-se em relação ao resto do Oriente Médio nas atividades bancárias, gerando fluxos financeiros para os países do Golfo produtores de petróleo, quando a cidade de Beirute passou a ser considerada o centro econômico do Oriente Médio, além disso, o país era um centro cultural importante na região. O autor ainda faz menção à agricultura relevante para a economia, o que permitia às famílias do interior viver com

¹⁹ GATTAZ, A. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. Gandalf: SP, 2005.

relativo conforto. Mas esse conforto e bonança não eram compartilhados por todos os libaneses, o Bekaa e o Sul do Líbano (notadamente de população muçulmana) foram regiões que ficaram à margem desse movimento. Além de as tensões políticas fruto da relação conflituosa entre israelenses e palestinos fizeram com que os libaneses anteviessem conflitos imediatos e muito perto deles. Tal situação propiciava a emigração.

É nesse ambiente que alguns poucos libaneses muçulmanos do Bekaa saíram do Líbano para o Brasil, e chegaram até Foz do Iguaçu. Entre eles os primeiros foram Youssef Hassan El Nissr e Ibrahim Barakat. Fontes da comunidade árabe local²⁰ estimam que eles chegaram à cidade como mascates e perceberam que ali poderiam ter sucesso no comércio da cidade, que começa a se organizar urbanisticamente.

A Guerra Civil (1975-1991) e o conseqüente estrangulamento das possibilidades de trabalho no Líbano são o estopim para a segunda leva de imigrantes para a cidade. Durante o conflito, Gattaz²¹ menciona que aproximadamente 950.000 pessoas deixaram o Líbano, com destinos diversos, principalmente América e Austrália. Foz do Iguaçu foi então apontada como um destino possível para esses jovens muçulmanos emigrados. A cidade lhes parecia próspera em função das possibilidades de comércio em Cidade do Leste, a construção da Ponte da Amizade (1965) dava o ponto de confirmação disso. Além do mais, o núcleo urbano de Foz do Iguaçu passava por uma transformação e crescimento com a construção da Usina de Itaipu (1975 – 1982).

Depois da Guerra Civil Libanesa, a reconstrução do país se deu de forma lenta e incerta. A comunidade libanesa de Foz do Iguaçu já era expressiva, e o Brasil que tentava se reorganizar democrática e economicamente prepara o Plano Real visando à estabilidade de uma moeda. Isso se deu em 1994, e a moeda brasileira, o real, passou a ter uma cotação forte frente ao dólar. Essa situação levou a uma explosão no comércio das cidades fronteiriças do Paraguai com o Brasil. Os brasileiros tinham moeda forte em mãos e disposição para comprar mercadorias que eram escassas no Brasil e abundantes no comércio de cidades paraguaias como Salto Del Guairá (fronteira com Guairá, Pr e Mundo Novo, MS), Pedro Juan Caballero (fronteira com Ponta Porã, MS) e Cidade do Leste, tais como: bebidas, eletrônicos, brinquedos, cosméticos, informática e jogos além de roupas, oriundas da China e Miami. Neste período, marcadamente em Cidade do Leste, muitos shoppings e lojas de rua

²⁰ Não há sistematização metodológica e histórica sobre a comunidade árabe de Foz do Iguaçu até o momento. Os dados apresentados aqui neste artigo tratam das falas repetidas e pessoas entrevistadas desta comunidade.

²¹ GATTAZ, A. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. Gandalf: SP, 2005.

foram abertos, e claro, muitos comerciantes chegaram principalmente do Líbano, Índia e Taiwan para trabalharem no varejo ou na importação direta desses bens.

Após esse período, o Brasil passou por diferentes crises econômicas, e a cotação do real oscilou muito, bem como diferentes níveis de repressão ao contrabando e ao descaminho de mercadorias oriundas do sentido Paraguai-Brasil. Todos esses foram motivos para também o número de imigrantes libaneses oscilar em Foz do Iguaçu. Paralelamente a isso, o Líbano passou por um período importante de reconstrução, principalmente na capital, além da retirada de tropas estrangeiras; variação no nível de violência; protestos; e posicionamento político do Hezbollah o que fez com que o Sul do Líbano fosse olhado com maior atenção pelo governo central, criando um ambiente positivo dentro do país. Esses contextos libaneses e brasileiros pautaram o fluxo incessante de libaneses para Foz do Iguaçu.

Assim, em quase 70 anos de emigração orientada para Foz do Iguaçu, a comunidade libanesa dispõe de uma estrutura social completa – com entidades representativas, espaços religiosos e gastronômicos, e com um patrimônio arquitetônico específico. Entre este patrimônio encontram-se a mesquita, o *husseiniey*²², a igreja, as escolas, e o clube. Concomitantemente à construção do patrimônio arquitetônico, a visibilidade da comunidade se expressa pela gastronomia que pode ser desfrutada nos diversos restaurantes, doçarias, açougues e padarias espalhados principalmente pelo centro da cidade, Vila Portes e Jardim Central. Ainda, em eventos específicos podem se ver danças e músicas tradicionais, tais como o *dabke*²³. As próprias pessoas operando forte visibilidade no dia-a-dia, não raro com roupas tradicionais religiosas²⁴, conversando em árabe, vendo televisão nos estabelecimentos com canais árabes como o Al Jazeera, LBC, Al Manar, ART e outros, ouvindo música das mais clássicas cantoras como Fairuz até o pop Amir Diab ou Mashrou'Leila, enfim, marcando a presença árabe e principalmente libanesa.

Na região da tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina existem aproximadamente dezesseis instituições árabes, sendo doze na cidade de Foz do Iguaçu: Associação Árabe Palestina Brasil de Foz do Iguaçu; Associação Beneficente Árabe Brasil; Associação Cultural Sírio Brasileira; Igreja Evangélica Árabe de Foz do Iguaçu; Lar dos Drusos Brasileiros; Sociedade Islâmica de Foz do Iguaçu; Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu; Centro de Atividades Educacionais Árabe Brasileiro; Escola

²² Local de celebração xiita.

²³ Dança tradicional libanesa.

²⁴ Marcadamente aqui se refere ao uso do *hijab*, lenço que cobre a cabeça das mulheres muçulmanas.

Libanesa Brasileira de Foz do Iguaçu, Grupo Escoteiro Líbano-Brasil; Sociedade das Damas Árabes, e Clube União Árabe. Além disso, conta com uma agência de notícias especializada em mundo árabe e na comunidade árabe local, chamada A Fronteira/Al Hudud.

Essas diversas instituições formaram-se sob interesses diversos dentro da comunidade árabe, ao largo do tempo. Hoje, a grande maioria delas atende não somente aos árabes que imigraram para Foz do Iguaçu e a seus descendentes, como também à comunidade não árabe, especialmente em ações de beneficência. Elas são de cunho cultural, religioso, recreativo, educacional, beneficente e representativa de comércio e mantêm escolas, asilos, a mesquita, e clubes de lazer. Ao longo do desenvolvimento dessas entidades, seus organizadores não perderam de vista um dos seus principais focos: o bem-estar da comunidade árabe em Foz do Iguaçu, em diversos âmbitos como preservação do idioma, da cultura, da religião, salvaguardando alguns valores e tradições.

Além das instituições propriamente ditas, as festividades de origem libanesa em Foz do Iguaçu, são caracterizadas por motivações religiosas e cívicas, bem como podem ser caracterizadas como não excludentes, no sentido de abranger toda a comunidade sem exceção de gênero ou idade. Alguns exemplos podem ser mencionados: Eid ul Fiter (finalização do jejum do mês de Ramadã); Eid ul Adha (ou Festa do Sacrifício, realizada ao final da peregrinação Hajj); Nascimento do Profeta Mohamad²⁵; Nascimento de Saída²⁶ Fatma²⁷ (dia da mulher muçulmana)²⁸; Ashura²⁹, e Independência do Líbano (22 de novembro).

Este cenário de visibilidade na cidade, bastante amplo em relação a outros grupos de imigrantes, permite a reconstrução de um Líbano Presente para fortalecer espaços que são fonte de identificação ou que propiciam as marcações identitárias. Mas o que é muito mais importante do que estas marcas são as vivências cotidianas das pessoas migrantes, que se fazem perceber em uma cidade que se diz³⁰ de todos (pelo número de grupos de imigrantes e migrantes que recebe). A necessidade de educar os filhos em escolas árabes, para que aprendam a língua e a religião; de comprar ingredientes que lhes propiciem a

²⁵ Conhecida como Mawlid, a data é regida pelo calendário lunar. Sua celebração não é unânime entre os muçulmanos. Wahabitas, por exemplo, rechaçam-na.

²⁶ Saída para mulher ou Said para homem, vem do árabe Senhor. Título dado aos descendentes do profeta Mohamad, especial destaque para os xiitas.

²⁷ Filha do profeta Mohamad com sua primeira esposa Khadija. Também é conhecida como Fatma Az Zahrá (a rosa).

²⁸ A data é regida pelo calendário lunar. Sua celebração não é unânime entre os muçulmanos, apenas os xiitas o fazem.

²⁹ Data regida pelo calendário lunar e sua celebração é exclusiva dos xiitas. Trata-se do luto pela morte de Iman Hussein.

³⁰ Inúmeras campanhas de divulgação turística ou mesmo oficiais do município já usaram esse mote.

‘autêntica comida libanesa’; de juntar-se a outros libaneses nas lanchonetes – árabes – para falar sua língua, ouvir sua música ou manifestar interesse por notícias específicas; celebrar à sua maneira as datas festivas; as mulheres usarem *hijab* sem repressões como em outros países; escrever nos letreiros dos estabelecimentos comerciais em árabe e em português; e tantas outras manifestações que tanto marcam a presença quanto a identidade e sem dúvida descortinam processo informais de aprendizagem.

A identidade libanesa em Foz do Iguaçu

A identidade cultural aparece sempre em contexto de diferença, e pode muitas vezes ser plural. Essas duas premissas são muito importantes para compreender a identidade cultural de imigrantes, pois esses por definição estão em contato com o diferente, e muitas vezes aparecem como diferentes e não raro os imigrantes também se identificam com distintas fontes, sejam identidades nacionais (a de seu país quando no país anfitrião ou vice-versa) ou outras.

Um primeiro dado captado pelas entrevistas dá conta de que os imigrantes entrevistados, não pensam em retornar para viverem no Líbano, não se consideram mais libaneses, e sim brasileiros. Contrariamente ao que ocorre com a maioria dos descendentes, que se colocam como libaneses ou libaneses-brasileiros. Abbas (52 anos) explica que um filho de libanês que tenha nome libanês vai ser sempre libanês, vai ser sempre identificado como tal, independentemente de onde nasceu, por isso é tão importante, segundo ele, dar nomes árabes para os filhos. Mas não só isso, Munira (44 anos) diz que não faz diferença se é filho ou nascido no Líbano, são todos libaneses. Ainda acresce mencionando que é muito comum os filhos de libaneses terem documentos libaneses (dupla nacionalidade), e de fato praticamente todos os entrevistados o tinham, assim também como nomes árabes. Claro está que ser libanês não é mais uma questão de ter este ou aquele documento, ter nascido aqui ou lá, mas sim de saber o que é ser libanês e desempenhar essa vivência. Esse é um processo aprendido tão finamente que ao mesmo passo em que os pais não querem ser rotulados como estrangeiros no Brasil, seus filhos aprenderam a serem libaneses se autoproclamando antes de se colocarem como brasileiros.

Ao se organizarem no Brasil, os imigrantes não deixaram a identidade libanesa para trás, ao contrário, ela foi/é (re)vivida constantemente ao dar nome aos filhos, garantir os documentos libaneses para eles, ensinar-lhes a serem libaneses a amar o Líbano ao ponto de seus filhos quererem mais do que eles mesmos viverem no Líbano. É com isso dizer que, não pelo fato de os imigrantes estarem à vontade na sociedade brasileira ou mesmo não

pensarem em voltar para seu país de origem eles não deixaram de lado a identidade libanesa. Eles assumem diferentes identidades e as acionam em diferentes momentos e pertencem a diferentes grupos.

Os imigrantes querem refletir e reiterar sobre a necessidade de falar, ensinar e mostrar aos filhos o Líbano, mesmo estando em Foz do Iguaçu, construindo cotidianamente o que chamamos aqui de Líbano Presente. Com isso, não apenas o migrante está vivendo a realidade iguaçuense em seu cotidiano e acarinhando o Líbano em/de suas memórias, como faz com que seus filhos percorram esse mesmo caminho, que os leva para lá e para cá, que os faz viver no lá e no cá. Mesmo que esse muitas vezes seja fruto da imaginação, da memória.

Jawad (42 anos, descendente) opina que os imigrantes libaneses em Foz do Iguaçu somente mudaram de endereço, do Líbano para o Brasil, pois eles agem exatamente da mesma forma com que agiam lá, pensam igual. Mesmo que ele compreenda que os libaneses que moram no país de origem tenham modernizado e flexibilizado os costumes com os anos, e que alguns imigrantes ainda pensam como há 40 anos atrás, mas eles reproduziram o Líbano vivido, independente da geração.

Ora, pode-se asseverar que o que Jawad diz sobre viverem da mesma forma, por muitos motivos é força de expressão para dizer que não se negociou muito a cultura, a forma de vida. Há o esforço em manter a vida, dentro das possibilidades. Mas é claro que mesmo negociando, muito se manteve, ou os filhos não se sentiriam tão libaneses como se dizem de modo a terem aprendido a serem libaneses.

Essas forças de expressão aqui tratadas demonstram o que Bhabha³¹ chama de entre-lugares: viver o aqui e o lá, estar no Líbano Presente lhes dá a oportunidade de recriar suas verdades, valores, adaptarem-se, negociarem, e sobretudo adequarem-se às diferentes sociedades em que estão. Para os nascidos no Brasil, esses entre-lugares são mais flagrantes por viverem mais intensamente na fronteira das duas culturas. O ambiente escolar parece ser o mais propício para essas situações, quiçá por haver maior contato com não árabes e as diferenças serem mais latentes, mas também porque foi na escola que muitos tiveram necessidade de se colocar como libaneses e inclusive de questionar e descobrir essa identidade.

Munira (44 anos) explica que as vezes ela tem a sensação de estar no próprio Líbano quando está em Foz do Iguaçu: “em cada esquina tem um *shawarma*, mercadinhos com letreiros em árabes, lojas, escolas, mesquitas. Eu adoro isso, parece que estou no próprio

³¹ BHABHA, Homi. *O local da cultura*. UFMG: Belo Horizonte, 2007.

Líbano, isso porque o povo de Foz, os árabes, faz com que a cultura apareça em muitos aspectos”. Ela continua contando que foi morar em Foz justamente para ter contato com a cultura árabe juntamente com os pais e os 4 irmãos, bem como uma tia e sua família. Manter a cultura é uma coisa importante para ela. Ela explica ainda que mesmo que ninguém em casa observe o jejum de ramadã, para não quebrar a tradição, todos se reúnem com amigos ou familiares para o jantar de ‘quebra do jejum³²’ durante o mês de Ramadã. Nestas situações se reproduzem no cotidiano não a solidão, mas a solidariedade da comunidade.

Alguns atributos que os entrevistados deram ao ser libanês, ou características podem ser listadas em suas próprias palavras: religiosidade, valorização da família, trabalho, polidez, união, respeito aos mais velhos, hospitalidade, bons comerciantes, honestidade, não são gente preconceituosa, apreciador de boa gastronomia, e importância de estudar e falar outros idiomas. Essas seriam as autoimagens deles. E não foi sem orgulho que mencionavam essas características, explicando que os pais sempre insistiram para que tomassem esses atributos para si, que isso sempre lhes foi ensinado. O ser libanês para eles é algo quase heroico, e sem dúvidas, uma fonte de orgulho próprio, um processo de luta, onde se negocia na fronteira a imagem para construir via de regra a vida.

Ao questionar o que em Foz do Iguaçu pode ser considerado marco da identidade libanesa as respostas variaram também: mesquita, mulheres usando *hijab*, gastronomia, comércio, a língua falada e escrita, a união, e etc. E aqui se pode observar a autoimagem que eles acreditam que seja visível aos outros.

Ficou claro que os entrevistados compreendiam muito bem a diferença entre ser libanês e o que da libanesidade é exposta aos não libaneses. Ao passo que os elementos marco da identidade libanesa que creem serem visíveis aos outros são de fácil percepção, os elementos que compõem o ser libanês só podem ser vistos de perto, com o convívio. Daí talvez venha, em partes, o sentimento de não serem compreendidos ou profundamente conhecidos pelos não libaneses que muitos entrevistados comentam.

Também pode-se notar que a angústia dos pais em relação à educação dos filhos nesse entrelugares é muito grande. Não foram poucos os entrevistados descendentes que relatam terem ido passar uma temporada no Líbano, mesmo em período de instabilidade bélica por lá, com a finalidade de aprender a língua e a cultura. É o caso de Jawad (42 anos); Yasmine (45 anos); Angélica (26 anos); Ahmad (31 anos); Josiane (28 anos); Latif (24 anos); Ronaldo (32 anos) e Najjar (33 anos). Outros manifestaram excessivo cuidado dos pais para que os filhos mantenham os costumes, e isso se viu em detalhes das conversas,

³² *Iftar*, em árabe.

principalmente com as entrevistadas: ‘meu pai não gosta que eu use roupa curta’; ‘não posso sair para a balada’, ‘meus pais não me obrigam a casar com libanesa, mas sei que é o que eles querem’; ‘ah, eu não posso casar com brasileiro, minha família jamais aceitaria’; ‘minha mãe pega no meu pé para eu jejuar’; ‘moça libanesa tem que ser prendada, feminina e hospitaleira, as vezes em casa é uma discussão só por que não quero lavar a louça, ou não me comporto dessa forma’; ‘se eu tiver um namorado, sei que é para casar’; ‘eu tenho trinta anos e ainda peço para a minha mãe se posso sair a noite, e surpreendentemente as vezes ela não deixa!’. Assertivas como essas revelam que o controle da família sobre o indivíduo confirma a coesão da comunidade, mas ele é exercido em diferentes sentidos, mesmo gerando conflitos entre filhos e pais.

Do lado dos pais as perspectivas são assim:

Eu faço um esforço para ensinar a cultura e os valores árabes para os meus filhos, mas é cada vez mais difícil em função do volume de informação a que eles têm acesso e a abertura que existe para as crianças, isso faz com que muitas vezes eles neguem o que queremos ensinar. (KARIM, 44 anos, descendente).

Meu pai tentava preservar a cultura libanesa em casa, e hoje eu faço igual. Tento manter a cultura árabe em casa, religião, gastronomia, língua até a decoração da casa é árabe com objetos trazidos do Líbano: quero ter um pedaço do Líbano aqui no Brasil (AMANI, 40 anos)

Eu nunca pensei em levar meus filhos para serem educados no Líbano, pois nunca quis que eles vivessem os horrores as privações das guerras, como eu vivi. Aqui os meus filhos levam uma vida leve, leve como os brasileiros. Isso para dar educação. Mas para dar cultura é outra coisa... Eu sofro muito, pois quero viver como vivia no Líbano, e isso não tem como. Eu já entendi isso, e acho que algumas coisas acabamos tendo que soltar, mas meu marido não entende, ele não entende mesmo. (NADIA 38 anos)

Minhas filhas não falam árabe! E eu acho muito difícil cria-las no Brasil, até já pensei em envia-las para o Líbano, pois lá as crianças são orientadas para respeitar os familiares, os vizinhos, a comunidade. Elas falando árabe se adaptam melhor a esse sistema. A língua faz com que as pessoas se sintam mais compreendidas e ela exerce um peso cultural, não pela língua em si, mas pela formação cultural decorrente da língua. Acho que se minhas filhas falassem árabe, eu teria mais autoridade como pai, poderia explicar melhor para elas como a vida deve ser vivida. (ABBAS, 52 anos).

As colocações mostram que questões sociais da sociedade brasileira em geral, como mudanças da autoridade, falta de coesão social ou liberdade sexual, acham seu contraponto nos discursos dos pais na imagem da cultura natal. Isso os leva ao sofrimento, principalmente causando conflitos dentro do grupo. Os que imigraram desejam manter um

passado cultural em terras estrangeiras, os nascidos nestas terras desejam ser aceitos na sociedade de nascimento, não querem ser rejeitados, nem aqui e nem lá.

As tensões são duplas. Quando se retorna à terra natal os emigrantes sofrem a pressão do grupo de parentela para que os costumes sejam mantidos: língua, comida, religião, casamentos, etc. Mas como mantê-los sob tanta pressão externa no país receptor? Que tipo de processo de aprendizagem e de ensino se aplicam nesses casos?

“Divididos em “duas vidas impossíveis”, os emigrantes estão destinados a tornar, como se diz, seja sua vida e a dos outros “impossíveis”. (...). Assim, o resultado é uma migração permanente, que causa infelicidade um ao outro e um sentimento de culpa”³³. Essa situação de dúvida e sofrimento, segundo o mesmo autor, se dá por terem os imigrantes um sistema de referência duplo e contraditório, uma situação ambivalente que nenhum sistema hegemônico permite. O imigrante luta para manter sinais de sua cultura no país estrangeiro, para criar uma marca que os distinga como tal, mas cada adaptação forçada dele no país receptor o faz renunciar a essas marcas – deixando pairar a ideia de uma forma de traição ou negação de si mesmo e a si mesmo.

Pode-se assumir que a vida dos libaneses em Foz do Iguaçu é em certa medida uma reprodução da vida no Líbano, a partir dos fragmentos da vida libanesa que trouxeram e acionaram no Brasil, consciente ou inconscientemente – principalmente se se considerar pequenas cidades e não a capital. Mas o choque provocado pelas diferenças culturais e o contato inevitável com outras pessoas leva sim a preocupações com a educação dos filhos. Determinar o limite ou o equilíbrio entre o ceder e o recusar pode ser ainda o grande desafio no processo de ensino e aprendizagem dos imigrantes e seus filhos. Sem embargo, essa determinação de limite ou de equilíbrio não impede que se construam/constituam marcas identitárias e identidades libanesas em Foz do Iguaçu, ao contrário, força a todo o momento, por meio do contexto de diferença, a criação de marcas únicas para os envolvidos nesse processo.

Parece ser um fato generalizado que a perpetuação de uma identidade e uma cultura imigrante pode esmorecer com o tempo e o crescer das gerações nascidas no país anfitrião. Apesar das múltiplas pertencas, a base solidária entre os membros da comunidade fortalece a lealdade para com a comunidade tanto via as organizações no país anfitrião como pelo contato contínuo com o país de origem. Nesse sentido, as redes sociais transnacionais e o número de pessoas suficientes para sustentar instituições no país anfitrião permite uma

³³ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração: ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998. p. 229 com grifos do autor

organização social que não necessariamente precisa abdicar da sua identidade própria para fins da integração.

Muitos foram os entrevistados que manifestaram um elo físico forte com o Líbano, visitando-o sistematicamente ou mesmo declarando-se libanês mesmo tendo nascido no Brasil. Outros mantêm esse elo por meio do respeito que guardam pelo país de seus pais, ou mesmo pelo próprio país. Ainda que o retorno efetivo para o Líbano não seja uma realidade nem para imigrantes tampouco para descendentes entrevistados, essa é uma ideia presente em muitas entrevistas.

Karim (44 anos) visitou o Líbano aos 40 anos de idade, e comenta que antes dessa viagem sentia um peso muito grande por não haver visitado o país de seus pais, mesmo achando que não tinha vínculo algum com o país. Ele relata que quando chegou ao aeroporto de Beirute teve a sensação de estar 'no colo da mãe', diz isso com lágrimas nos olhos. Ele agora planeja a viagem de seus filhos, disso ele faz questão, pois mesmo que tenha apenas duas tias lá ainda, ele sente uma ligação muito forte com o lugar propriamente dito, e não tanto com a família diminuta que lá ficou.

Para se compreender esta construção do local da cultura (que se estabelece além da vivência comunitária da família, mas dentro dela) deve-se compreender que a heterogeneidade não é um produto do outro, mas sim uma relação com o outro que está numa fronteira contida dentro do próprio território (nacional). Assim, as minorias se estabelecem dentro de uma nação, sendo diferentes, e lá (re)constroem sua própria história e geografia. As gerações descendentes formando um grupo de 'outros' para a nação: o seu ser minoria, estranho, de fora subsista assim a hegemonia nacional e assim lá estão, com seus filhos e netos, dispondo naquele espaço-nação de suas manifestações, produtos e ações culturais. Reproduzindo saberes aprendidos de forma tão espontânea quanto aprenderam a atravessar a rua. A identidade cultural é feita de pequeninos atos, pequenos saberes imbricados no processo de ensinar e aprender mútuos entre pais e filhos, entre o lá e o aqui. Essas pequenezas juntas se fortalecem e constituem.

A visibilidade e a acessibilidade de alguns elementos libaneses em Foz do Iguaçu é um motivo de satisfação para muitos entrevistados e para outros até de orgulho. Não há nada relacionado à cultura libanesa que eles gostariam que fosse ocultado da sociedade iguaçuenses em geral, ao contrário, gostariam que outras coisas mais fossem visíveis. Dessa forma, a constituição de comunidades imigrantes em um novo lugar leva à construção de expressões culturais (imagens) a partir das vividas em seu país de origem, imagens que sofrem mudanças pela inclusão de novos saberes e fazeres. Mas nem por isso, essas novas

manifestações podem ser consideradas inautênticas, pois revelam um novo cotidiano permeado de um velho cotidiano.

Esses processos se fazem presentes nas comunidades de imigrantes em diversas cidades como Londres, Paris, Nova Iorque, São Paulo e Buenos Aires, por exemplo, mas também em centros menores. Assim, aparecem imagens de imigrantes no Brasil em Caxias do Sul (RS) e Jundiá (SP), só para citar alguns, que manifestam uma forte italianidade, Londrina (Pr) que conta com expressiva niponicidade, Prudentópolis (Pr) com a ucranianidade e finalmente Foz do Iguaçu na sua arabicidade/libanesidade. Essas novas construções culturais podem ser interpretadas como tentativas de manutenção dos antigos usos e costumes, em conciliação com a nova situação, como uma forma de tentar manter vivo o legado cultural e identitário, transmitindo para as novas gerações nascidas no país receptor esses saberes e buscando garantir que não se percam no tempo e no espaço. Procurando ensinar os valores e os sentidos, para que a própria vida não perca o sentido de ser longe do que se tem por conhecido e íntimo.

Uma das formas de lutar pela manutenção de uma cultura e o fortalecimento de uma identidade cultural pode ser exemplificado nos casamentos endógamos do grupo. Quando questionado aos imigrantes se permitiriam que seus filhos se casassem com não libanês, não árabe ou não muçulmano, as respostas foram corteses no que tange a vida dos filhos do sexo masculino: eu preferiria que ele se casasse com uma libanesa, ou muçulmana, mas no final é uma escolha dele. Mas no que diz respeito às filhas, os pais foram reticentes em afirmar que teriam que se casar com muçulmano observando um preceito religioso que diz que o homem muçulmano pode casar-se com qualquer mulher de religião do livro (judia, cristã ou muçulmana), mas a mulher só pode se casar com muçulmano, isso porque segundo o islã é o pai quem transmite a fé aos filhos e filhas.

Os descendentes lançaram respostas diferentes a essa pergunta, algumas moças não pensam em se casar com um não muçulmano outras preferem que o marido o seja. Os rapazes claramente usufruem dessa prerrogativa que a religião lhes dá e todos concordam em se casar com uma não muçulmana. Muitos alegam que casar-se com um não muçulmano seria uma questão intensa a ser debatida e negociada com os pais, contrariando o que os imigrantes diziam ser uma decisão dos filhos. Os entrevistados, maneira geral, concordam que casar-se com um membro do grupo (libanês e muçulmano) facilita a vida em família, tanto na educação dos filhos como nas relações com a família ampliada. Eles creem que a vida pode ter menos sofrimento com uma cultura apenas em casa.

Para tal, Ahmad (31 anos) ao ser questionado sobre a possibilidade de se casar com uma não libanesa, não árabe ou não muçulmana responde:

Eu não sei o que pode acontecer no futuro, mas o casamento é uma escolha na qual deve haver muito mais respeito do que amor. É um compromisso um projeto de vida. Eu tenho opção, mas acho que com uma árabe as coisas seriam mais fáceis. Justamente por prezar a família que vou constituir e o relacionamento dessa família com o restante da minha família. Entre os árabes, não tem separação ou muito espaço para individualidades: a minha esposa vai ser como uma filha para o meu pai. Há uma aproximação muito íntima entre os membros da família (ampliada), e se eu me casar com uma libanesa isso vai ser mais fácil de ela aceitar, porque ela já está acostumada a isso.

Ao passo que Ahmad diz ter escolha, entre casar-se com uma libanesa ou não, sua irmã Angélica (26 anos) diz que se quisesse casaria com um não libanês, não árabe ou não muçulmano, mas isso seria uma intensa fonte de conflito com os pais.

Outras respostas de irmãos:

Bassan (28 anos) diz simplesmente se casaria com uma não libanesa, não árabe ou não muçulmana porque sua religião lhe permite isso; sua irmã Malak (17) responde com certo susto à pergunta “essa questão nem se discute na minha casa!”. Em termos de confronto geracional de respostas para essa pergunta:

Yara (17 anos) diz que não se casaria com um não membro da comunidade. Sua mãe, Munira (44 anos) rebate que ela própria sendo nascida no Brasil, hoje não se casaria com um não membro da comunidade, mas quando ela se casou isso era menos relevante porque ela não vivia no meio árabe como vive agora. Ela opina que “se não for libanês o casal não dança no ritmo da mesma música, e isso não quer dizer que eu tenha preconceito contra quem não é árabe”. Conclui explicando que se os filhos quisessem se casar com uma brasileira, eles que se casassem sem problemas; mas a filha não “conhecendo minha filha eu sei que ela não seria feliz completamente com um marido não árabe”. A filha arremata “por isso nem penso na ideia...”.

Latif (24 anos) responde de forma bastante tímida que nem pensa em se casar para não vivenciar esse tipo de discussão em casa, explica que não casar é uma opção na casa dele, mas não em todas as casas de libaneses. Ao seu turno, sua mãe, Jumanah (62 anos) explica porque prefere que seus filhos se casem com muçulmanos “uma família tem que ter uma só religião em casa”.

Pode-se perceber que a despeito das (im)possibilidades que a religião dá, a questão é controversa entre pais e filhos; e homens e mulheres. Mas percebe-se um esforço generalizado em manter o discurso da liberdade dos filhos versus a necessidade de negociação com os pais, para em termos conclusivos casarem-se quase sempre dentro do grupo. Isso se dá, para além das obrigações religiosas, em razão de seu grupo de amizades e relações acompanharem essa tendência, consciente ou inconscientemente.

A questão do uso da língua parece ser fundamental para os entrevistados no que tange ao ensinar e aprender a identidade libanesa e a transferência para as novas gerações e inserção/pertença ao grupo. Os descendentes afirmam algumas vias de acesso para aprender a língua: em casa, em cursos particulares, estudando em escola árabe tanto em Foz do Iguaçu como na vizinha paraguaia Cidade do Leste e ainda temporadas no Líbano com essa finalidade. A importância da língua escrita está intimamente ligada à religião e suas práticas³⁴, no que diz respeito aos muçulmanos. Falar e ler em árabe é também sinal de possibilidade de compreender amplamente o Corão e todas as manifestações religiosas. Mas aprender a língua, muito além da religião é ter sociabilidade nos grupos tanto em Foz do Iguaçu quanto no Líbano.

No âmbito da sociabilidade o uso da língua falada, sobretudo, é fundamental, pois se por um lado todos os entrevistados mostravam pleno domínio da língua portuguesa, se diziam muito mais confortáveis usando o árabe no dia a dia. Os fortes vínculos com a língua fazem com que se sintam membros de uma comunidade, com que tenham elos de identificação com outros árabes e com isso tudo lhes confere sentimento de pertença. É com isso dizer, se aprende a ser libanês também a partir do uso da língua árabe cotidiana.

Ora, com isso se pode pensar que o uso da língua e toda a importância que esta tem para a cultura árabe/libanesa e para a religião islâmica, é em certa medida um esforço para se manter em contato e ser parte do que ficou, do Líbano ausente. É uma forma não apenas de constituir uma fronteira cultural em Foz do Iguaçu, mas também de ao chegar no vilarejo libanês de origem, sentir-se um pouco mais à vontade com os seus e fazer com que seus filhos sejam reconhecidos como pertencentes àquela terra.

Entretanto, apesar de seus esforços para continuarem fiéis a sua cultura, os imigrantes estão sempre defasados da cultura que se estabelece depois de sua partida. Este é, aliás, um dos maiores problemas no regresso dos imigrantes a seu país: “eles não o reconhecem mais, devido a suas mudanças, geralmente mais no aspecto cultural do que material”³⁵. Acerca dessa reflexão de Cuche, ainda, muitos entrevistados, principalmente, descendente exclamam como o Líbano é moderno e as pessoas de lá acompanham essa modernidade cultural em comparada com os seus pais e parentes vivendo no Brasil. Mesmo que essa modernidade esteja limitada basicamente aos usos e costumes e não

³⁴ A língua árabe é a língua oficial do Islã, o livro sagrado, o Corão, só tem esse caráter se for escrito em árabe, do contrário trata-se apenas de uma tradução sem ser considerado sagrado. Da mesma forma, as orações diárias também são proferidas sempre em árabe, o chamamento para as orações, e outros. Isso ainda sem mencionar em detalhes as diferentes formas artísticas, relacionadas à religião, do uso da língua escrita.

³⁵ Op cit. p. 229

necessariamente a tecnologia que cerca a vida, ou ainda que isso seja um comportamento específico da capital e/ou outras cidades grandes do país, quedando o interior e os vilarejos ainda parados no tempo: O arquiteto Jawad (42 anos) explica que

Beirute é muito evoluída, em todos os sentidos. A arquitetura é mais arrojada, a cultura idem, o ensino da arquitetura lá é de vanguarda. O apartamento da nossa família é de 1980 e tem coisas que agora viraram tendência no Brasil como janelas de alumínio, ou o estilo *high low* (toques modernos com outros tradicionais). As coisas lá são sofisticadas, existe *misancene* para tudo. Isso pode ser em função da influência francesa, ou porque eles viajam muito lá e têm uma boa visão do mundo. Beirute é como Buenos Aires: sofisticada, gentil; é também como uma mescla de Rio de Janeiro com São Paulo: ritmo acelerado de trabalho e boemia; mas as pessoas gostam de sentar em cafés como em Paris.

Outros entrevistados aludem à essa modernidade no comportamento das pessoas em comparado com os seus pais radicados em Foz do Iguaçu, principalmente na liberdade das moças em saírem para a noite. Dessa forma, Cucho³⁶ analisa a cultura dos imigrantes como móvel, mas definida pelos outros, e não pelos seus sujeitos principais. Apenas de forma folclórica, os imaginários ganham visibilidade se transformando em imagens: porque fora de seu contexto social, muitos elementos culturais perdem sentido e até mesmo se tornam anacrônicos. Assim, a imobilidade das imagens culturais na cultura expatriada surge em função do desligamento espaço-temporal da comunidade originária. Dificilmente seria transmissível à geração seguinte na sua função real, mas mesmo assim os imigrantes se apoiam a estes fragmentos de cultura justamente porque estes lhes permitem assegurar uma identidade própria diante dos desafios do ser diferente da cultura nacional. Por meio disto, é possível que os imigrantes tenham coesão no grupo. Nesse entendimento, os imigrantes desenvolvem uma cultura sincrética no que diz respeito entre o lá e o aqui, o ontem, o hoje e um possível amanhã, apesar de esta estar baseada em imagens puras da cultura de origem. Este sincretismo é verdadeiramente contraditório, porque o novo se dá em torno do que o grupo considera o cerne da cultura de origem para a manutenção da identidade coletiva.

A partir das entrevistas, pode-se notar que o processo de educação informal que ocorre na comunidade libanesa está dominando pela polaridade de ser libanês e ser brasileiro e toda a transposição cultural nele enfronhada. Há questões que partem da autopromoção desta e daquela identidade nacional que muda de acordo com a geração, mas que estampa claramente o processo de ensinar e aprender a ser libanês a partir de três

³⁶ Op. cit.

questões imbricadas entre si: o domínio da língua árabe, os casamentos endogâmicos e a preponderância estética, social e valorativa de usos e costumes da fé islâmica.

Ora, se por um lado os pais se dizem brasileiros e não pensam em voltar a viver no Líbano pois já têm aqui a sua vida organizada, por outro os filhos declaram seguir os passos da constituição da identidade libanesa, viajando frequentemente para o Líbano, falando árabe, casando com outros libaneses muçulmanos, ajudando a recriar esse pequeno Líbano dentro de Foz do Iguaçu para que se sintam cômodos dentro da sua própria pele entre o ser e o viver brasileiro e libanês.

Esses aspectos da identidade libanesa em Foz do Iguaçu não são planejados, mas também não são sem desejo. Eles são frutos da transmissão dos valores mais fundantes da libanesidade que chegam aos mais jovens por meio de processos de educação informal. Esses processos que não têm lugar exato para ocorrer, sistematização ou intenção deliberada, mas que ocorrem sempre que há mais de um imigrante ou descendente lado a lado. Que se dão a cada data festiva, a cada prédica na mesquita, a cada *alif*³⁷ escrito nos recados deixados na geladeira ou até mesmo na lista de compras que vão abastecer os lares com produtos e ingredientes que fazem a comida, a faxina, o enxoval, a decoração... Eles ocorrem ainda nas escolhas sobre os produtos culturais consumidos como músicas, filmes, programas de televisão, até mesmo os chistes, a moda e tantos elementos que um artigo ficaria curto para nomear, mas que estão lá, pulsando enquanto fizerem sentido para o coletivo das gerações nascidas e criadas no Brasil, que suspiram e anseiam estar no entrelugares e que não querem ser rechaçadas nem pelos brasileiros e nem pelos libaneses, que estão no hífen da identidade e na ponta da educação informal.

Considerações Finais

Foz do Iguaçu é cidade receptora de muitas levas de imigrantes. Localizada na fronteira internacional, apresenta também um Líbano Presente. Em muitos lugares se encontram marcos da libanesidade, formados através de paralelismos entre a situação de Foz do Iguaçu e do Líbano. Nas entrevistas com 32 pessoas se revela, tanto entre migrantes como entre os descendentes de migrantes, uma (re)construção da identidade libanesa no exterior. Em base de dados fornecidos na tese em que esse artigo se apoiou, se mostra um jogo de visibilidade e invisibilidade da libanesidade dentro das redes de contato e vivência em geral na cidade e dentro das redes familiares em particular. Os aspectos da identidade

³⁷ Primeira letra do alfabeto árabe.

cultural e do ser e estar imigrante contribuem consideravelmente para a evolução de culturas de transposição. Neste aspecto, cabe ressaltar, em termos de geração migratória que os imigrantes se considerem geralmente brasileiros, não pensando em retornar e se assumindo assim, enquanto os descendentes se colocam como libaneses e pensam viver no Líbano, sem efetivamente o realizar em muitos casos.

Mostra-se aqui uma atitude que, no caso dos libaneses, não se deixa de ser libanês para ser brasileiro, nem no sentido legal nem no sentido identitário. Isso se revela desde os pequenos objetos decorativos da casa até a questão de tratar um visitante com toda a hospitalidade libanesa. Nestes momentos se serve chá árabe (preto e muito adoçado) ou pequenas guloseimas do país de origem. Desta maneira, o lugar que o Líbano ocupa na vida desses imigrantes é tão decisivo e as exaltações a ele dirigidas são tão positivas que se afirmam com toda força, até para seus filhos que são libaneses também. A cultura de transposição é assim, uma cultura libanesa fora do Líbano. Demonstram um denso processo de ensino e aprendizagem de identidade constituída no entre-lugares, no lá e cá.

A comunidade libanesa de Foz do Iguaçu se apresentou nesse estudo como muito bem relacionada na sociedade local. Ela dispõe de contatos e representações em diferentes níveis da política e poder econômico e cultural. Logo, percebe-se que não vive isolada ou encastelada em si mesma. Isso é uma mostra de sua capacidade de inserção e desejo de manutenção da identidade libanesa, muito embora se possa compreender que não se constroem tantos relacionamentos fortes fora da comunidade sem acionar constantemente transposições. E a transpor culturalmente implica o desejo de ensinar e de aprender pelos coletivos unidos pelos afetos e pela identidade.

Nota-se a importância das diversas instituições e organizações libanesas em Foz do Iguaçu, e que não raro servem de fonte de identificação aos membros da comunidade, além de cumprirem outra função, que é dar visibilidade a ela. Assim as instituições são mais do que marcos visíveis, mas também formas de ensinarem aos externos a ela que a imigração para eles não é efêmera, esse deslocamento foi um caminho sem volta.

Enquanto alguns entrevistados mencionam a necessidade de negociar entre os costumes libaneses e brasileiros para poderem viver à vontade com seus filhos, outros dizem que estar em Foz é como estar no Líbano. Neste sentido, o ir e vir constante de pessoas de lá para cá proporciona sempre uma atualização dos usos e costumes no Líbano Ausente, fazendo o Líbano Presente cada vez mais intenso. Esse movimento perpendicular gera duas questões relevantes. Primeiro, se estabelece um conflito advindo da vida em fronteira entre duas (ou mais) culturas, entre ser libanês e ser brasileiro. Esse conflito foi apontado, sobretudo, pelos descendentes e com proeminência nos do sexo feminino que alegam que os

homens têm mais liberdade de levar a vida fora de casa nos moldes brasileiros e não são tão cobrados e questionados em relação à sua conduta, diferente das cobranças que se lhes fazem a elas. A outra questão é a da dupla lealdade e da pertença aos dois países e às duas culturas.

Dois aspectos sociais importantes serem aqui levantados dizem respeito à perpetuação das tradições e costumes libaneses e da confirmação da comunidade em Foz do Iguaçu: o uso da língua árabe e os casamentos endógamos. O uso da língua foi apontado por muitos como fundamental para a inserção na comunidade, para ser aceito e sentir-se parte dela. A língua ainda tem as suas relações íntimas com a religião islâmica, e por isso também tem destaque. Ela é também um passaporte importante para ser aceito no Líbano Ausente, não ser considerado 'outro'. Os casamentos são quase sempre realizados entre os membros da comunidade, por muitos motivos que aqui não cabem ser discutidos em profundidade. Embora muitos entrevistados, tanto homens como mulheres, declarem que se quisessem se casariam com um não árabe ou não muçulmano, eles admitem que na prática não pensam que isso venha a ocorrer.

Estes aspectos comunitários se consolidam através da estrutura social da família libanesa (e árabe em geral). Como na vida familiar os laços se criam dentro dos lares entre imigrantes e descendentes. Muitos disseram que os familiares se ajudam, que mantêm contato com parentes residentes em Foz e outras cidades do Brasil e do mundo, além do próprio Líbano. Visitas a esses familiares são frequentes e o respeito pela instituição família é inquestionável. Aqui se confirma o dado de que a educação informal não carece de lugar ou mestre específico, ela se dá assistematicamente sobretudo no interior das famílias, onde os valores mais fortes são ensinados.

O que se constrói na visibilidade, são âncoras e marcos que fixam nas práticas a diáspora libanesa em Foz do Iguaçu mediante a libanesidade para garantir continuidade entre o presente e o ausente. Observa-se que, enquanto alguns dizem que com o passar das gerações e a intensificação da adaptação, a libanesidade irá se diluir na sociedade brasileira, outros asseveram que o constante fluxo de imigrantes entre o Brasil e o Líbano vai sempre manter a identidade viva. Curiosamente, as duas opções permitem, nos quatro níveis de construção (da individualidade, da comunidade, da sociedade (nacional) e na transnacionalidade), sempre opções, demonstrando assim que existe uma cultura performática e funcional viva para os libaneses. E que continuará atuando enquanto os processos informais de educação se mantiverem e fizerem sentido para os envolvidos.

Recebido em 09 de junho de 2020
Aceito em 13 de janeiro de 2021